

APRESENTAÇÃO

Carla Portilho (UFF)
Shirley Carreira (UERJ)
Vanessa Cianconi (UERJ)

No artigo “Quando a manifestação do insólito importa para a crítica literária”, Flavio García (2012, p. 14) afirma que o insólito ficcional é um conceito intrínseco às estratégias de construção narrativa das principais modalidades representativas em que o inesperado, o imprevisível, o incomum constitui marca distintiva, como o maravilhoso, o fantástico, o estranho, o realismo mágico, o realismo maravilhoso e o realismo animista. Deste modo, o insólito pode estar presente em diversos gêneros, entre eles as narrativas de crime, mistério e investigação. Por muito tempo, tais narrativas estiveram atreladas a um conjunto de características que as definiam como narrativas de enigma – o mistério, o investigador, as pistas, a solução – e que funcionavam como elementos identificadores do gênero, vinculando o insólito à categoria que Todorov (1981, p.24) denominou “estranho”, uma vez que, ao final, a solução sempre apontava para uma explicação lógica que buscava preservar as “leis da realidade”. Contemporaneamente, as narrativas de crime, mistério e investigação têm assumido diferentes características, uma vez que a solução do enigma nem sempre ocorre e o resultado da investigação nem sempre aponta para a lógica. Este dossiê temático acolhe textos que versam sobre as diversas possibilidades de entrelaçamento entre os eventos insólitos e as narrativas de

crime, mistério e investigação, explorando diferentes modos e meios de representação.

O artigo que abre este volume, “Miedo a la orden: influencias de lo extraño en las narrativas seriadas”, de Ariel Gómez Ponce, estuda o estranho como uma operação de sentido que traça pontes entre o insólito sobrenatural e o policial de mistério, revelando signos temporais enquanto se alimenta das anomalias que toma dos imaginários sociais. Para tanto, analisa a narrativa animada da série *Scooby Doo*, que, por sua forte inscrição na memória cultural e na cultura popular, oferece chaves de interesse para refletir acerca do estranho como um lugar de enunciação. Os contrastes entre as duas versões dessa franquia permitem construir uma argumentação à tradição onde a estranheza, embora materializando os efeitos psicológicos do medo e da perplexidade, volta-se à uma explicação mais tranquilizadora do que a realidade contemporânea, onde um distúrbio foi instalado sustentado em subjetividades.

Em “The fall of Eve: the frailty of moral alignment in *Killing Eve*”, Eduarda De Carli e Elaine Barros Indrusiak trabalham com o embaçamento da tênue linha entre o bem e o mal em *Killing Eve* (BBC America, 2018-), que apresenta uma investigadora e um assassino que compartilham uma mesma obsessão. O artigo analisa Villanelle, o assassino, como o duplo de Eve, a investigadora, e como este espelhamento resulta em uma mudança de moralidade para Eve, representando a sua descida ao mal na primeira temporada.

Flavio Garcia, no artigo ““O assalto”, de Mia Couto: ficção insólita de crime e mistério”, apropria-se de conceitos, teorias e metodologias acerca das narrativas de crime e mistério, do grotesco e do fantástico, e direciona-se ao macrogênero do

insólito, em diálogo com o fantástico modal, e propõe uma leitura inovadora do conto de Mia Couto, mostrando que o autor utiliza estratégias próprias desses diferentes (sub)gêneros, tornando-as apropriadas à sua intencionalidade discursivo-textual.

Gabriella Campos Mendes, em “O insignificante é o crime: sobre o romance de enigma e o não-natural em *O Delfim*”, discute a categoria do insólito a partir da ideia de não-naturalidade, explorando a presença de estratégias narrativas consideradas não-naturais nos níveis da história e do discurso, além da sua conformação na ficção policial.

Em “Os detetives de Arthur Machen - a investigação do insólito sobrenatural”, Laís de Medeiros Santos e Shirley de Souza Gomes Carreira analisam a apropriação da história de detetive em quatro textos do autor galês Arthur Machen, em que personagens assumem o papel do detetive amador para tentar desvendar eventos insólitos. Ao contrário do que ocorre nas histórias de detetive tradicionais, as personagens criadas por Machen creem no sobrenatural.

Maristela Scheuer Deves, em “O duplo como o criminoso: uma análise do livro a metade sombria, de Stephen King”, busca demonstrar como o autor retoma a figura do Doppelgänger por meio de um duplo criminoso, o pseudônimo de um autor que adentra o mundo real e comete crimes atrozes. King incorpora em seu texto aspectos da tradição da escrita sobre o duplo, como a luta entre o bem e o mal.

“A investigação e o insólito em “Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, de Murilo Eduardo dos Reis, versa sobre o entrelaçamento de uma história de investigação com eventos estranhos em

“Tlön, Uqbar, Orbis Tertius”, conto de Jorge Luis Borges, em que personagens leitores hesitam ao deparar com uma edição de enciclopédia que apresenta artigo sobre Uqbar, país que não consta no mapa.

Em “A lei dos lugares vagos: o insólito e a narrativa criminal pós-moderna em *Fargo*”, Pedro Puro Sasse da Silva demonstra as potências renovadoras do gênero criminal na vertente investigativa metafísica através da terceira temporada da série *Fargo*, que, por meio da exploração de temas e ferramentas como intertextualidade, metaficção e subversão de normas, reflete, questiona e revigora o gênero da narrativa criminal.

O artigo “O insólito da ficção de B. Kucinski” de Thaís Sant’Anna Marcondes, mostra que B. Kucinski, depois de publicar 14 livros sobre política, jornalismo e economia, em sua primeira incursão pela ficção policial, no livro de 2014, *Alice: não mais que de repente*, lança mão de elementos textuais característicos do romance detetivesco e diversas referências aos clássicos do gênero, o autor surpreende ao apresentar uma aliança entre um policial ético e íntegro e um cientista cassado pela ditadura militar. O livro apresenta como tema a morte misteriosa de uma professora de física dentro da USP. O cenário são os anos de 1990 e uma universidade que vive o esfacelamento da reflexão crítica, herança do regime repressivo. O fantasma que ronda esta narrativa é Alice, que, antes de morrer, deixou, em uma folha escrita com seu sangue, a letra P. A investigação em torno deste crime é o foco do romance, que vai contar com um detetive metódico e viciado em ficção policial, um professor cassado pela ditadura que também colabora com a investigação, vários suspeitos e uma severa crítica

à vida dentro da academia. A investigação empreendida por esses dois personagens detetives, acompanhados por seus ajudantes, trará como pano de fundo uma análise crítica da universidade no Brasil. Partindo de uma concepção do insólito que abarca não só elementos fantasmagóricos, como também forças que fazem repensar o absurdo e o incomum dentro das expectativas da realidade, o presente artigo faz um resumo comentado desta obra e aponta para os possíveis elementos insólitos estruturados pela narrativa que compõem um movimento de desestabilização no leitor do início ao fim.

Renato Barroso de Castro, em “Robert Louis Stevenson e o insólito jogo de espelhos em ‘Markheim’ (1884)”, aborda um dos temas mais caros à literatura fantástica: o tema da duplicidade e da multiplicidade do “eu”, construído em uma narrativa de crime que privilegia uma série de eventos insólitos. A partir de uma análise sobre as discussões acerca do gênero fantástico e do seu surgimento, tendo por fundamentação teórica autores como Tzvetan Todorov e David Roas, o artigo faz uma análise do conto ‘Markheim’ (1884), de Robert Louis Stevenson (1850-94), sob a perspectiva da construção da alteridade na narrativa, sem deixar de considerar os demais elementos que dialogam com textos de Edgar Allan Poe, um dos predecessores canônicos no gênero. Em ‘Markheim’, como em nenhuma outra narrativa de Stevenson (mesmo *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*), pode-se apreciar com tanta clareza a capacidade construtiva do autor e a forma como orquestra o uso dos elementos emblemáticos do fantástico e do insólito, conduzindo o leitor gradativamente ao estado de *hesitação* de que fala Todorov. Tudo

isso não apenas por conta da meticulosa escolha das palavras, mas também graças a uma habilidade ímpar em evocar imagens, criar atmosferas e – principalmente – levar o tema da duplicidade ao ponto de proporcionar, ao leitor, uma reflexão aprofundada sobre a consciência humana e aos estranhos “eus” que carrega em si mesmo. Estudando o modo como se dá a construção dos elementos emblemáticos do fantástico na narrativa de crime ‘Markheim’ – bem como os elementos de desestabilização da realidade –, este artigo pretende trazer à tona um dos esteios da obra de Stevenson, revelador das angústias de toda uma geração de escritores.

Em “A grotesquerie parisiense: traços do insólito na narrativa policial de Edgar Allan Poe”, Vinicius Santos Loureiro lembra ao leitor que Edgar Allan Poe foi o criador de uma obra cuja grandeza artística é proporcional à heterogeneidade que a compõe. Fora do mérito de se tratar de um dos inventores da narrativa detetivesca, o autor estadunidense legou à posteridade uma série de contos, poemas, ensaios e correspondências, tangendo desde os temas clássicos da literatura fantástica até uma produção humorística e tantos exemplos de ficção à moda especulativa de caráter filosófico. Por tanta variedade, não foram poucas as tentativas de segmentar sua obra conforme seus temas. Em meio a esse esforço de classificação, tornou-se habitual que se considerasse que os contos de raciocínio, grupo que reuniria os três relatos do detetive C. Auguste Dupin e alguns outros afins, estaria destacado dos demais. A justificativa passa, em alguma medida, pela defesa do contraste provocado pela aura de esclarecimento que permeia o conto policial, reflexo de

um mundo desejoso de se organizar pelo conhecimento e pelos desenvolvimentos tecnológicos, contra os impulsos nervosos herdados pela influência gótica, influenciando especialmente sobre seus contos de horror. Entretanto, a narrativa que perpassa os acontecimentos que circundam o assassinato brutal de mãe e filha em uma Paris em plena ebulição ressoa em outros contos do autor, seja pela criação de atmosfera, seja pelas impressões comunicadas pelos respectivos narradores-testemunhas. Este artigo reflete a respeito das semelhanças entre a narrativa detetivesca de Edgar Allan Poe, a partir do conto “Os assassinatos na rua Morgue”, e algumas de suas narrativas fantásticas.

As editoras desta revista ainda apresentam a entrevista feita pela doutoranda do programa de Literatura Comparada da Universidade Federal Fluminense (UFF), Isabela Duarte Britto Lopes, como parte da sua dissertação de mestrado que versou sobre as *continuation novels* da autora Sophie Hannah. A pesquisadora conversou com a poeta e autora de romances policiais e detetivescos, com obras traduzidas para 49 idiomas. Além de suas poesias, a autora inglesa, reconhecida pelo *Sunday Times* e pelo *New York Times*, escreveu a saga de Waterhouse e Zailer sobre as investigações e a vida dos policiais protagonistas dos romances. Em 2014, a autora publicou o seu primeiro romance com o detetive Hercule Poirot, criado por Agatha Christie, após ter sido convidada pela família da autora para dar continuidade às aventuras do detetive belga.

Desta forma a Revista Abusões dá continuidade ao seu projeto de divulgar artigos e fontes documentais relevantes para os estudos do Gótico, Fantástico e Insólito Ficcional.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Flavio (2012). “Quando a manifestação do insólito importa para a crítica literária”. In: GARCIA, Flavio, BATALHA, Maria Cristina (Orgs.). *Vertentes teóricas e Ficcionalis do Insólito*. Rio de Janeiro: Editora Caetés, p.13-29.

TODOROV, Tzvetan (1981). *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva.